

Carta

Jú,

essas perguntas me atravessam diariamente e tem sido um trabalho constante dançar com elas, ficar atento às definições sutis que emergem e se confundem num movimento sem fim, ritmo vagante do mar. Olho ao redor e escuto. Essa é a tônica. Então, busco ampliar a minha capacidade de estar em contato e ouvir cada vez mais, ampliando as superfícies sensíveis e entendendo onde estão os meus limites, qual é sua flexibilidade. Olhar pra si para chegar ao outro. Deixar o corpo a serviço do que não se pode dizer, num puro exercício de presença. O que é esse contexto? Preciso entendê-lo para falar sobre ele? São muitas forças operando todo o tempo, tudo parece urgente, tudo parece importante demais. A quantidade de informação e todas as demandas. Todas as demandas que estamos impondo a nós mesmos, e para quê? Para estar no 'mundo', pertencer, entender nossa existência materializada, visível e definida.

Esta residência aqui gera um espaço de transição e reorganização interna, é uma continuidade do exercício da presença colaborativa e curiosa, experimentando estruturas de trabalho, de vida. Essa experiência também coloca em perspectiva minha trajetória, meu corpo, minhas práticas, e torna palpáveis as reverberações que me trouxeram até aqui. Estou tentando aprender a direcionar minha atenção para olhar mais de perto quais são as questões que impulsionam minha ação, que gestos eu coloco ou quero colocar no mundo e o que resulta desta interação. Tenho vontade de dançar, acho que quando danço alguma coisa acontece. Então como dançar e manter-se vivo nesse esquemão do mundo da arte? Talvez fora dele. Como fazer do corpo o instrumento de transformação de pensamentos mortos? Como manter vibrando os ecos de um campo de criação coletiva, comunicação que atravessa estruturas obsoletas, que traspassa tudo, que liga tudo?

Ontem olhei a lua formando um caminho no mar e percebi a concretude desse coisa que é a lua. E como não dá pra viver neste mundo sem olhar pra ela, sem saber dela e sem sentir seu movimento, que influencia tudo aqui. Ela fica lá olhando pra

gente o tempo todo e se aproxima e se distancia, tudo muda por conta desta relação. Tudo no mundo é assim. A lua é um destes elementos, divindades pagãs, manifestações divinas no que é concreto. A luz da lua fazia o caminho prata-dourado na superfície da água e penetrava as ondas para além da minha visão, criando curvas de luz no escuro-azul do mar. Essa mesma luz tocava a terra e o meu corpo numa linha que cortava e ligava tudo ao mesmo tempo. A lua que baixava no horizonte, quase tocando o mar, naquele mesmo momento lançava seu corte sobre outras águas, terras e corpos. Pensei que aquela mesma luz que me tocava toca também você aí. Deste lugar, quero dançar.

Rodrigo Andreolli
Υῶρα 2017